

Corpos pandêmicos: corpos femininos na/pra estética dos corpos de trabalho em situação de pandemia¹

Cuerpos pandémicos: cuerpos femeninos en / para la estética de cuerpos funcionales en una situación pandémica

Bruna Franco Neto²

Angela Maria Guida³

Resumo

Pensando a descolonialidade do conceito de Arte, o presente trabalho visa à construção de narrativas imagéticas, a partir de uma leitura de imagens fotográficas de corpos subalternos localizados no tempo/espço pandemia covid19. Essas narrativas serão construídas considerando os conceitos de biogeografias e, inspiradas na ideia de corpo-política, elucidarão sobre corpo-trabalho e corpo-denúncia na configuração dos corpos subalternos no ambiente colonizado (estética, cultural, geográfica, política e economicamente) do Brasil, em especial de Mato Grosso do Sul. A leitura das narrativas imagéticas aqui construídas almejam, por meio da noção de fronteira e de paisagens, mostrar, singularmente, a partir da proposta de uma estética outra, como esses corpos se colocam e como são vistos/reconhecidos nesse ambiente pandêmico.

Palavras-Chave: Arte; Descolonialidade; Corpos; Corpos pandêmicos.

Resumen

Pensando en la decolonía del concepto de Arte, el presente trabajo tiene como objetivo la construcción de narrativas de imágenes, a partir de una lectura de imágenes fotográficas de cuerpos subordinados ubicados en el covid19 tiempo / espacio pandémico. Estas narrativas se construirán considerando los conceptos de biogeografías e inspiradas en la idea de cuerpo-política, dilucidarán el trabajo corporal y la denuncia corporal en la configuración de los cuerpos subordinados en el entorno colonizado (estética, cultural, geográfica, política y económicamente) en Brasil, especialmente de Mato Grosso do Sul. La lectura de las narrativas imaginarias aquí construidas pretende, a través de la noción de frontera y paisajes, mostrar, singularmente, a partir de la propuesta de otra estética, cómo se colocan y cómo se ven estos cuerpos / reconocido en este entorno pandémico.

Palabras clave: Arte; Descolonialidad; Cuerpos; Cuerpos pandémicos.

1. A arte descolonizada em corpos: a estética de narrativas imagéticas

¹ Resumo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade on-line, 2020.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; netobrunafranco@gmail.com.

³ Professora Doutora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul FAALC/Sead, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; angelaguida.ufms@gmail.com.

Mignolo (2010) defende que a visão de Arte enquanto representação é nada mais do que a colonização do que é ser Arte. Nessa mesma perspectiva, ao se falar em Arte, aqui, pretende-se optar por uma visão descolonial e, assim, esta escrita pensa a partir de imagens que vão não representar, mas construir uma narrativa, narrativas imagéticas, pretendendo com/por elas propor uma leitura, artisticamente sensibilizada, não só pela confecção das imagens, mas também, e talvez essencialmente, por causa da narrativa construída (também) por esta artista/professora/pesquisadora/mulher.

Assim, busco, por meio de imagens/fotografias, pensar o ser – sentir – saber corpo-mulher em um espaço/tempo da pandemia Covid19, procurando ler e, também, construir essas narrativas imagéticas desses corpos que, ao menos no olhar (artístico, porque sim) aqui posto, apresentam-se na condição de um corpo-trabalho e, em especial, um corpo-denúncia, na esteira do que propõe Mignolo com corpo-política, de um corpo-mulher que tem se mostrado imerso em uma “receita cultural” que a tenta definir, apesar de não necessariamente sê-la, em uma reprodução de um sistema colonial (político, educacional, artístico e cultural) que aprisiona corpos.

1.1 Os corpos pandêmicos: corpo-trabalho e corpo-denúncia na construção da estética de narrativas do feminino no tempo/espaço de Pandemia

As paisagens corpo-biográficas aqui serão lidas para observar as individualidades das narrativas ali construídas. Propõe-se, dessa forma, a opção de descolonização da estética, que se constrói, nessa opção, na superação de uma colonialidade global e que, acima de tudo, envolve todos os campos da experiência humana, partindo para a construção desse sujeito, ou, no mínimo, de narrativas (imagéticas) constituídas não só a partir de um lugar *biogeográfico*, mas também como manifestação de seu próprio olhar em seu contexto sociocultural. Assim, conforme propõe Bessa-Oliveira (2018), “Corpos biográficos que são, ao mesmo tempo, intenção e tensão com uma condição cultural localizada e em um determinado território geográfico específico reconhecido como enunciativo.” (p. 143), e, na leitura das narrativas imagéticas desses corpos pandêmicos, interessa-me muito mais a noção de condição cultural, no caso, a condição de corpo-mulher, denunciada, no ambiente pandêmico, em, tão somente, um corpo-trabalho.

As figuras 1 e 2 deste trabalho narram histórias – *biogeográficas* e de uma estética outra – localizadas no tempo/espaço da pandemia na visão (literal e representativa) feminina, evidenciando que o corpo-mulher, muito mais denunciado nesse tempo/espaço, mas não se limitando a ele, mostra-se tão somente um corpo-trabalho.

Na figura 1, “O corpo ausente(presente)”, é apenas corpo-trabalho, chegando, até, a não materialmente se localizar ali o corpo-mulher que nele existe. A leitura e a construção dessa narrativa imagética só nos permitem reconhecer o corpo-mulher ali presente a partir das representações (coloniais) femininas ali encontradas, e, nesse contexto, cabe a ideia de representação, visto estarmos associando a uma visão hegemônica e patriarcal dos símbolos culturais da narrativa imagética (o rosa, a flor, o rodo). Tudo ali narra uma história, constrói uma estética, de um corpo existente para o trabalho, condicionado a ele e, principalmente, tão marcado que chega, enfim, a anular o corpo em existência (ele existe?). Nessa perspectiva, Bessa-Oliveira (2019) nos lembra que nossos corpos ainda são colonizados e ainda respondem a um sistema de opressão e manutenção de poder hegemônico, patriarcal e que “ausenta” as sensibilidades e os saberes do ser pensante, coisificando-o apenas em objetos de trabalho.



Figura 1 – O corpo ausente(presente)

O sujeito corpo da figura 2, “corpo (sem) apoio”, tal como o da figura 1, encontra-se em lugar de fronteira, ou, mais que isso, *si* movimenta-se nesse lugar. Entretanto, na estética da narrativa imagética proposta na figura 2, o lugar de destaque é justamente o entre, esse corpo-mulher em tempo/espço pandêmico apoia-se no não-espço, no entre-lugar (SANTIAGO, 2000), no (sem) apoio, narrando, mais uma vez, o corpo-trabalho explorado, desajustado, incomodado, acima de tudo moldado pelo sistema.



Figura 2 - corpo (sem) apoio

Tanto na figura 1 quanto na figura 2, a narrativa desse corpo-trabalho evidencia na estética desforme do corpo em relação ao objeto-símbolo da opressão do trabalho – a cadeira –, seja ao anular o corpo físico (narrando-o na ausência – figura 1) seja ao desacomodá-lo (figura 2).

Nas narrativas das figuras que compõem este cenário, esta estética feminina no tempo/espço pandêmico, para além de leituras de corpo-trabalho há o corpo-denúncia, exatamente o corpo que se configurará para a proposta de uma estética descolonial.

Esses sujeitos, mulher-professora-pesquisadora-artista, constroem suas narrativas nesses lugares à margem, no *entre*, e acabam por ampliar as fronteiras do saber estimulando a reflexão acerca da própria formação dos sujeitos do saber (SANTOS, 2011), visto ocuparem também esses corpos da educação, seja no âmbito universitário ou do ensino básico, seja enquanto professoras ou enquanto pesquisadoras. Na narrativa do corpo-denúncia, desses corpo-trabalho femininos que, apenas por sê-lo, acumulam atividades e (des)(con)formam seu corpo, e, ao mesmo tempo, optam pela visão descolonial da estética.

2. Para fins de não definição: você é o seu próprio lar

Ao tratar de construção de narrativas imagéticas do corpo-feminino enquanto corpo-trabalho e corpo-denúncia no espaço-tempo da pandemia, pretendeu-se vislumbrar leituras outras, não normatizadas, sobre a constituição das narrativas desses sujeitos. Para tanto, buscou-se, também, uma abordagem que parte de um olhar estético sobre esses lugares, mas, acima de tudo, um olhar que se faz mais presente na situação observar o ausente, o sem apoio e a (des)estética, enfim, um olhar mais pretense ao corpo-denúncia.

Essas fronteiras aqui postas dizem da construção de uma imagem cultural-social narrada e lida pelos corpos-mulheres colocados em situação de isolamento social, mas também de trabalho, de exploração (do corpo, do capital, do saber). E essa construção se fez não com a rigidez técnica da fotografia ou da academia, já que “Tratar de saberes não quer dizer valer-se único e exclusivamente de saberes disciplinares para pensar os sujeitos, lugares e conhecimentos múltiplos produzidos na contemporaneidade.” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 67), mas a partir de sensibilidades outras, de olhares, percepções, tanto dos próprios sujeitos que compuseram os corpos (físicos) deste ensaio quanto do meu corpo (mulher, trabalho, artístico, cultural).

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Artista, professor, pesquisador: uma matéria em questão nas artes. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (Org.). *NAV(r)E – Pesquisa e Produção de Conhecimento em Arte na Universidade*: artista, professor, pesquisador. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018, p. 255-266.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – ESTÉTICA BUGRESCA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL DA ARTE. In: *Anais do XI Ciclo de Investigações PPGAV/UDESC* - des_. 29, 30 e 31 de agosto de 2016 - Florianópolis/SC, 321 – 331. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9474>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial1 para (trans)bordar corpos em artes da cena. In: *Conceição / Concept.*, Campinas, SP, v.7, n. 1, p. 142–157, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648471>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Diférences Coloniales* – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes. *Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais - Art&Sensorium*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 118-139, jun. 2019. ISSN 2358-0437. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2583>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSAOLIVEIRA, Marcos Antônio. O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, aí Eu quero é ver!”. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Corpos Epistêmicos*, v. 2 n. 22 (2019), Campo Grande, MS, 83 - 109. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/563>. Acesso em: 15 mai. 2020.

MIGNOLO, Walter. Aiesthesis decolonial – Artículo de reflexión. In: *CALLE14* // volumen 4, número 4 // enero – junio de 2010. Disponível em: http://200.69.103.48/comunidad/grupos/calle14/Volumen4/Vol4/Articulos/calle14_vol4_Walter%20Mignolo.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____ *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 09-26.

SANTOS, Boaventura de Sousa; HISSA, Cássio E. Viana. Transdisciplinaridade e ecologia de saberes. In: HISSA, Cássio E. Viana. (Org.). *Conversações: de artes e de ciências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 17-34. (Humanitas).